



Mulheres em Letras

Jornal do Grupo de Pesquisa Letras de Minas

Espaço legítimo para debates e divulgação

A repercussão que o lançamento do *Mulheres em Letras* causou junto ao meio acadêmico, e aos pesquisadores de questões relacionadas a "mulher e literatura", surpreendeu até mesmo as responsáveis pelo jornal.

No mundo cibernético em que vivemos talvez não coubesse mais um periódico impresso, é o que muita gente deve ter pensado. Mas a surpresa se explica também pelo que está implícito na sua publicação: que um grupo de pós-graduandas está tão envolvido com a temática, a ponto de se reunir para discutir textos teóricos, produzir artigos, publicar livros e organizar colóquios. Porque é isso que o grupo tem feito ao longo dos últimos anos.

A ideia de criar um órgão impresso surgiu ao término de uma disciplina em que estudamos jornalistas e periódicos dos séculos XIX e XX, que tratavam de educação, feminismo, direitos civis, e ainda divulgavam escritos literários. O exemplo daquelas antigas mulheres soou como desafio, prontamente encarado pelo grupo.

Mulheres em Letras pretende - não custa repetir - tornar-se um espaço legítimo de debate e divulgação de trabalhos acadêmicos, livros e filmes, e ainda abrir espaço para entrevistas com escritoras. Sugestões e críticas que visem seu aprimoramento serão sempre bem-vindas.

Nosso endereço virtual é:

mulheresemletras@gmail.com

Por Constância Lima Duarte
Profa. da Faculdade de Letras (UFMG)
e coordenadora do Grupo de Pesquisa
Letras de Minas

Poesia, ficção e crítica



O II Colóquio "Mulheres em Letras: poesia, ficção e crítica" ocorreu na Faculdade de Letras da UFMG nos dias 10 e 11 de junho deste ano, promovido pelo Grupo de Pesquisa Letras de Minas, com apoio do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários e do NEIA.

Com a presença de um público expressivo e muito interessado, foram apresentados estudos sobre as escritoras: Júlia Lopes de Almeida, Helena Jobim, Carminha Gouthier, Marta Gonçalves, Maria Lysia Corrêa de Araújo, Carolina Maria de Jesus, as irmãs Maria Lúcia e Maria Ângela Alvim, Clarice Lispector, Rachel Jardim, Conceição Evaristo e Cidinha da Silva.

Além dos trabalhos, houve ainda a oportunidade de conversar com algumas escritoras, o que, aliás, está se tornando uma prática nos colóquios. Nesta ocasião, estiveram presentes Branca Maria de Paula (foto 1), Maria Esther Maciel (foto 2) e Tânia Diniz (foto 3), que deram importantes depoimentos sobre seu fazer literário.

Lançamento

Por ocasião do II Colóquio foi lançado o livro *Escritoras mineiras: poesia, ficção, memória* (Belo Horizonte: FALE/ Viva Voz: 2010) com estudos sobre as escritoras Beatriz Brandão, Maria Julieta Drummond, Bárbara de Araújo, Maria Ângela Alvim, Ruth Silviano Brandão, Yeda Prates Bernis, Lúcia Castello Branco, Vera Brant, Livia Paulini, Cidinha da Silva e Maria Esther Maciel. Contém ainda os depoimentos de Conceição Evaristo, Livia Paulini, Malluh Praxedes e Yeda Prates Bernis.

Colóquio III

O III Colóquio Mulheres em Letras começa a ser planejado, e deve acontecer em abril de 2011. Dentre as novidades, teremos uma conferência de abertura com a profa. Zahidé Muzart, da UFSC, e a chamada para apresentação de trabalhos a estudantes e professores de outras instituições de ensino superior. Dentre as escritoras convidadas, e que aceitaram participar do evento, estão Lya Luft, Conceição Evaristo e Carola Saavedra.

Leia na seção "Academia" artigos sobre as escritoras Lúcia Castello Branco e Cleonice Rainho e sobre a dramaturga Janete Clair.

Pág. 3 e 4

Confira a entrevista exclusiva que Maria Inês Marreco fez com a renomada escritora Nélida Piñon.

Pág. 5

Saiba quais são as boas notícias que Cláudia Gomes Pereira mandou direto da Universidade de Lisboa para o *Mulheres em Letras*.

Pág. 6

Mulher e Cidadã

As discussões sobre o caso Bruno procuram entender se o jogador agiu de forma tão violenta devido a uma psicopatia de ordem natural ou em função do meio social e cultural onde o jogador cresceu. Relatos também tentam discutir o papel das instituições de esporte na formação do caráter de meninos que vivenciam uma mobilidade social rápida e sem preparo.

Este trágico episódio não me faz pensar na trajetória do Bruno, mas atíça minha curiosidade sobre o percurso e escolhas de Eliza Samúdio. Com certeza os fatores socioculturais explicam de maneira mais substantiva o destino e o trágico fim desta moça. Suas escolhas, valores, comportamento e papel social podem ser compreendidos por elementos da cultura brasileira. E Eliza novamente expõe que no Brasil mesmo as mulheres contemporâneas no mercado de trabalho, escolarizadas ainda convivem com a noção de mulher da casa e mulher da rua.

Eliza é emblemática para compreendermos as relações de gênero na sociedade contemporânea, principalmente no Brasil. E pensar nas questões de gênero não significa apenas falar de diferenças sexuais, mas em questões que são determinadas por outras variáveis dependentes dos contextos culturais nas quais elas se inserem. Gênero, portanto, é um processo de classificação, de definição de papéis e comportamentos. É a categoria analítica que pode nos auxiliar na compreensão das escolhas de Eliza e na maneira como a população está interpretando seu destino.

Bruno é produto de uma sociedade com resquícios patriarcais e por isto tão naturalmente tentou desqualificar Eliza, dizendo que a conheceu numa orgia. Bem, numa sociedade com estrutura patriarcal como a nossa, tolera-se que o homem casado, mesmo de vida pública, possa participar de uma orgia, que é vista como um deslize normal, mas a mulher que compartilha desta prática é tida como objeto amoral, assumindo uma dimensão quase inumana. E se esta mulher engravida demonstra ainda mais o quanto é má intencionada e digna de desrespeito. Nas conversas de rua, ouvi pessoas afirmando que ela queria dar o golpe da barriga, mas não escutei críticas a ação do homem casado e bem de vida que numa orgia transou sem proteção.

No Brasil, desde os anos 30, as mulheres começaram gradativamente a se inserir nas instituições de ensino e depois no mercado de trabalho, mas ainda convivemos com a realidade cultural que separa a mulher da casa da mulher da rua. A primeira já é percebida como uma cidadã, detentora de direitos e deveres; já a segunda ocupa uma hierarquia que a coloca em situações de extrema desvantagem. E para marcar o triste fim de Eliza, ela será interpretada assim, como a amante, a mulher da rua.

Este é o momento para desqualificarmos estes construtos culturais e percebermos as mulheres como cidadãs, detentoras de direitos e deveres e dignas de justiça, mesmo que as oportunidades da vida as tenham colocado na rua. Portanto, Eliza é mulher e cidadã. 🍀

Por Mara Greide, Diretora de Pesquisa do Instituto Kapta
e-mail: mara.greide@institutokapta.com.br

Esta crônica foi publicada no Jornal "O Tempo", em 16 de julho de 2010 e gentilmente cedida pela cronista para ser reproduzida no Mulheres em Letras.

Os seios são a história de seu corpo e isso conta. Conta no tempo em que conta sua via, passo a passo. Os olhos no espelho e no corpo, olhando-os do alto para baixo. Queria desenhá-los em sua curva e mostrar sua forma.

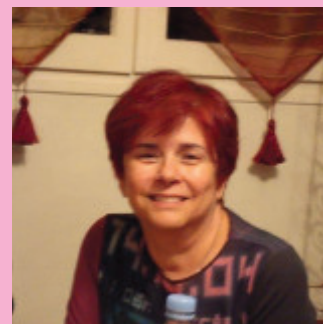
E eles cresceram e tiveram sua história como todo mundo. E se arredondaram mais, e tiveram leite e murcharam e cresceram de novo. E ficaram cada vez mais bonitos: formas de estar no mundo e se multiplicar nas veredas do amor, quaisquer que elas sejam. O amor ou os amores, pois não os há iguais.

Crescer e decrescer, aparecer e se esconder parece coisa de flores, coisas arraigadas na natureza, com ritmo próprio,

com estações diferentes e iguais em sua repetição. Flores ou pássaros que sempre a habitaram, talvez por sua semelhança com os seios que voam também dentro da roupa se há mãos que os saibam tocar: como mãos nos ninhos quentes dos pássaros. Ou as flores.

Extraído da obra *Na frente do coração*

Ruth Silviano Brandão



Expediente

Jornal Mulheres em Letras

Publicação do Grupo de Pesquisa Letras de Minas, com cadastro no CNPq

Coordenadora

Constância Lima Duarte

Editora responsável

Fátima Peres

Reg.: MG 03731JP

Conselho Editorial

Constância Lima Duarte, Kelen Benfenatti Paiva, Maria Inês Marreco, Maria Lúcia Barbosa, Cláudia Gomes Dias Costa Pereira, Fátima Peres, Claudia Maia e Maria do Rosário A. Pereira.

Colaboradoras

Aline Arruda, Constância Lima Duarte, Claudia Maia, Cristiane Côrtes, Helga Maria Lima da Costa, Cláudia Gomes Dias Costa Pereira, Iara Christina Silva Barroca, Isabella Fernandes Pessoa, Kelen Benfenatti Paiva, Luana Diana dos Santos, Fátima Peres, Maria do Rosário A. Pereira, Maria do Socorro Vieira Coelho, Maria Inês Marreco, Maria Lúcia Barbosa, Vera Godoi, Vera Ferreira.

Revisão

Maria do Rosário A. Pereira
Vera Ferreira

Design gráfico

Sandra Fujii (capa)

Contato

mulheresemletras@gmail.com

Tiragem

1000 exemplares

Impressão

Gráfica Silveira

*Os artigos assinados e publicados neste jornal são de inteira responsabilidade de seus autores.

Lúcia: luz, sensibilidade e leveza

Lúcia Castello Branco nasceu no Rio de Janeiro, mas vive em Belo Horizonte há muitos anos. É professora de Literatura Comparada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e é autora de vários livros, entre ensaio, romance e literatura para, "também", o público infanto-juvenil.

Ela publicou vários livros sobre teoria literária, nos quais apresentou estudos que entrelaçam Psicanálise e Literatura, com ênfase nos estudos sobre a Escrita Feminina. Dentre eles, destaque os títulos *Eros travestido*, de 1985; *O que é escrita feminina*, de 1991; *A traição de Penélope*, de 1994; e *A branca dor da escrita*, de 2003. Lúcia é também pesquisadora da obra de Maria Gabriela Llansol, sobre quem já publicou ensaios crítico-teóricos.

Migrando deste cenário acadêmico para o literário, Lúcia também se destaca como autora de romance, conto, poesia e livros infanto-juvenis. Lembro alguns de seus títulos: *A falta e Desiderare*, de 1997; *Nunca mais*, e *Livro de cenas fulgor*, de 2000; *Contos de amor e não*, de 2004; *A mendiga*, de 2005; e *O amor não vazará meus olhos*, de 2006. Na literatura infanto-juvenil, destaque as seguintes publicações: *Julia-toda-azul*, de 1993; *O fazedor de palavras*, de 1996; *O homem da lua de abril*, de 2001; *A menina e a bolsa da menina*, de 2004; *Nick cão: o fim*, de 2007, e da coleção AmorÍmpar, de 2009, dedicada ao

poeta Manoel de Barros e à escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol.

A escrita de Lúcia Castello Branco se nos apresenta a partir de uma notável diversidade de gêneros, uma vez que a matéria de sua produção literária perpassa tanto pelo romance como pelo conto, pela crônica e também por documentários. Ainda que de modo diversificado, a escrita de Lúcia parece realçar traços que indicam uma experiência de escrita: experiência que pode ter sido vivida ou, simplesmente, re-criada no modo de dizer/ escrever da autora - experiência que também revela, especialmente aos seus leitores, sua distinta sensibilidade.

Lúcia Castello Branco se propõe a um "fazer poético-reflexivo", reconhecido para além dos traços determinados por uma escrita constituída de valor teórico-crítico. Transitar com leveza e sensibilidade entre o fazer crítico e o fazer literário é ofício árduo, que exige muita habilidade, e Lúcia nos apresenta, ao dividir conosco, seus legentes, esse talento, essa leveza, essa sensibilidade visíveis em seu texto, aqui, especialmente, no excerto.

Sensibilidade e leveza se fazem presentes também em sua nova obra, intitulada AmorÍmpar, que tem seu Caderno I dedicado ao poeta Manoel de Barros e o Caderno II dedicado à escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol. Os próximos livros, dessa mesma coletânea, serão dedicados à can-



Lúcia Castello Branco

tora Maria Bethânia, à escultora Maria dos Mares e ao professor Rafael Maxakali.

Como se pode ver, a escrita de Lúcia Castello Branco parece ser dedicada, especialmente, a gente que tem relação visceral com a escrita, e não consegue viver sem anotar tudo, ainda que esse tudo sejam sonhos, receitas, esboços de textos ou impressões sobre o cotidiano - em blocos, cadernos e, por que não, em folhas em branco. 🖋️

**X. COISAS QUE SÃO PRÓXIMAS, AINDA QUE DISTANTES:
O paraíso
A rota de um barco
A amiga que vive em Paris
Os olhares trocados entre um homem e uma mulher.**

(Lúcia Castello Branco, em *Livro de Cenas Fulgor*)

Por Iara Christina Silva Barroca
Doutoranda em Estudos Literários
pela PUC Minas

Cleonice Rainho: dinamismo e emoção

Cleonice Rainho Thomaz Ribeiro nasceu em Angustura (Além Paraíba- MG) em 15 de março de 1919. Reside em Juiz de Fora - MG, para onde foi ainda menina e fez os primeiros estudos. Bacharelou-se em Letras Clássicas. Licenciada pela PUC do Rio de Janeiro iniciou a carreira literária em Juiz de Fora, colaborando assiduamente na imprensa local e, a seguir, na de outras cidades, participando de

movimentos culturais e literários tanto em seu Estado como fora dele. Publicou 27 livros e participou de 26 antologias, tendo recebido inúmeras premiações em concursos literários, quer de poesia, quer de prosa.

A produção literária de Cleonice Rainho teve início com o livro *Ternura*, editado em 1956, cuja temática gira em torno principalmente da maternidade. Sua primeira incursão em contos se deu com

o livro *O chalé verde*, publicado em 1964, que lhe rendeu os Prêmios: Cidade de Belo Horizonte; Othon Linch Bezerra de Melo, da Academia Mineira de Letras; João Alphonsus de Guimarães, da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. A escritora recebeu também o Prêmio "Letras e Artes" da Secretaria da Educação de Minas Gerais com o livro de poesia infantil denominado *Varinha de condão*, publicado pela Imprensa


Oficial de Minas Gerais em 1973.

Ao longo de sua carreira exerceu as profissões de jornalista, poeta, cronista, romancista e contista, tendo trabalhado em diversos jornais e revistas. Foi também professora universitária, lecionando Literatura Brasileira no Instituto de Ciências Humanas e de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Fundou e dirigiu nessa cidade a "Associação de Cultura Luso-Brasileira". Por esse trabalho foi agraciada com a Comenda "Ordem do Infante D. Henrique" pelo Governo de Portugal, e a Ordem do Mérito Comendador Henrique Guilherme Fernando Halfeld, do Município de Juiz de Fora, pelo seu trabalho dedicado à educação e às belas-letas.

Não bastasse fazer parte da história da mulher brasileira na luta para despertar, incentivar e aprimorar a cultura em seu país, Cleonice Rainho também é reconhecida uma ilustre presença na his-

tória da educação e principalmente na história literária; graças ao seu trabalho de linguagem limpa, fluente, harmoniosa e agradável, acrescido de um olhar arguto e atento aos pequenos dramas da vida cotidiana.

Percorrendo a trajetória literária de Cleonice Rainho percebe-se que a sua produção é bastante vasta. Ela é uma escritora cujo tra-

balho poético desenvolve-se por meio de temáticas das mais diversificadas, dando à sua obra um caráter múltiplo. Sua preocupação com a palavra se faz presente na maioria de seus escritos, visto que a reflexão metalinguística é uma constante, porém, sem perder a sensibilidade, a alegria e a emoção, características estas que fazem parte da sua personalidade. 

Mãe

A que sonha ser

A que vai ser

A que não sabe ser

A que não consegue ser

A que busca ser

A que é super

A que é alienada

A que não pode ser

A proibida de ser

A que é

Causa fonte origem

enleia-se

interroga-se

padece

dispersa-se

encontra

atormenta-se

perde

transmuda-se

desnatura-se

é

(Vôo branco, 1979)

*Por Maria Lúcia Barbosa
Mestre em Literatura Brasileira pela UFMG*

Romantismo, suspense, ação e emoção em Janete Clair



Janete Clair

Janete Stoccor Emmer Dias Gomes, com o nome artístico Janete Clair, foi l o c u t o r a , radioatriz e escritora de novelas. Nasceu na cidade de Conquista, Minas Gerais, em 1925, e faleceu em 1983.


Iniciou sua carreira na Rádio Tupi Difusora de São Paulo. Ao se casar com o também escritor Dias Gomes, mudou-se para o Rio de

Janeiro. Nos anos 60 Janete foi levada para a Tupi do Rio, emissora em que estreou com a novela *O Acusador*, um início notável que abriu a porta do sucesso na TV Globo definitivamente para a autora.

Nessa época, os melodramas ambientados em países distantes já não tinham mais a mesma aceitação, sendo assim Janete, seguindo o conselho de Braúlio Pedroso, começou a escrever novelas com tramas ambientadas no Brasil.

Suas novelas eram recheadas de romantismo, ação, emoção,

suspense e algumas críticas sociais. Mostravam em suas tramas problemas cotidianos da classe média que, como ela mesmo dizia, conhecia muito bem.

Janete Clair conseguiu o sucesso popular nos anos 70, a fase considerada de ouro de sua teledramaturgia. Suas novelas como *Selva de Pedra*, *Pai Herói* e *Pecado Capital* alcançaram sucesso absoluto com o povo brasileiro. 

*Por Helga Maria Lima da Costa
Profa. de Língua Portuguesa
e Literatura Brasileira*

Pecado Capital

"A telenovela traz José Carlos Moreno, chamado Carlão, um taxista morador do subúrbio carioca do Méier. No início acontece um grande e audacioso assalto a banco e os ladrões, em fuga, embarcam no carro de Carlão. Só que a mala cheia de dinheiro é esquecida no veículo. O taxista, então, vê ali a chance de ascender socialmente, podendo enfim casar-se com a noiva,

Lucinha.

Lucinha é escolhida como principal modelo das Confecções Centauro. Desperta o interesse do adormecido coração de Salviano Lisboa, um milionário viúvo que tem seis filhos. Com o início do romance os dois despertam em Carlão um grande ódio e ele, então, lança mão do dinheiro que planejava devolver para ascender-se socialmente.

Ao longo da trama, Carlão vai se afundando graças à ambição e ao desejo de reconquistar Lucinha. No final, quando resolve deixar o dinheiro numa obra do metrô e fazer uma denúncia anônima às autoridades, Carlão termina assassinado no local por um capanga de Sandoval, um mau-caráter com quem havia se envolvido em negócios escusos. Salviano e Lucinha se casam."

Nélida Piñon

A entrevista que se segue é parte de uma longa conversa que tive com a escritora mineira, Nélida Piñon, no dia 6 de maio do presente ano, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

Quando você descobriu que queria ser escritora?

Nélida: Eu explico isso no *Coração andarilho*. A sensação que eu tenho é que, desde muito cedo, sete ou oito anos, eu quis ser escritora porque era apaixonada pela literatura. (...) Eu tenho um lado aventureiro e imaginava que a literatura me daria essa abertura extraordinária. A literatura para mim é isso: uma grande peregrinação pela geografia, pelas almas, pelos mistérios pelos quais nós nos comandamos, sem jamais dar-nos uma solução. É difícil que nós nos esclareçamos, o mistério é talvez o que mais nos define. Somos criadores de mistérios e herdeiros dos mistérios que os outros criaram.

É difícil ser escritora no Brasil?

Nélida: Dificílimo. É muito fácil se você tem sonhos ou se confunde seus sonhos com as vaidades. Aí, eu acho perigosíssimo. Porque você nunca vai receber o que você pensa merecer. Aí, há mágoas, ressentimentos que também se misturam à criação. Também, é como se maculasse a própria criação. Eu acho que é muito difícil. Mas, sempre desejei ser escritora e jurei que persistiria. E não desisti, nunca desisti. E foi a melhor coisa que fiz na minha vida. Porque eu acho que a literatura é sorte. A literatura para mim foi um prêmio. Eu digo sempre que a literatura me deu tudo, ela não me deve nada.

Como você tem se relacionado com a crítica brasileira?

Nélida: A crítica oscila muito. Há críticas que são sérias, justas, no melhor sentido, e há críticas que parece que desejam lhe devorar, cancelar sua existência. Eu sofri, sobretudo no início da minha carreira, críticas tremendas, quase que implacáveis. Que não queriam atingir a minha obra, mas o que eu representava como

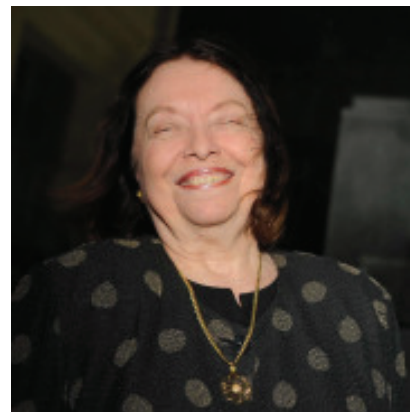
escritora. Mas eu resisti muito bem, nunca polemizei. Porque achava, primeiro, que tudo passa, o que você leu hoje não vai ler amanhã, já passou o texto. Depois, o que vale é a obra, a sua persistência, sua coragem de sobreviver, sua dignidade. Se querem macular você, se querem detonar você, paciência. O importante é que você não se detone.

Como surgiu a personagem Caetana, de *A doce canção de Caetana*?

Nélida: Primeiro, tenho que dizer que sempre frequentei ópera. Desde menininha fui frequentadora de ópera, de ballet... Foram essas artes de palco que formaram a minha consciência, o meu gosto, a minha paixão, a minha estética. (...) Então, eu sei qual é o limite exato até onde posso transitar para compor essa mulher, essa Caetana. Mas eu conheci há muitos anos, uma mulher excepcional, extraordinária, a poeta Natália Correia. [...] Ela era encantadora, e ela me inspirou. As outras figuras a gente vai estruturando. Na verdade, eu acho que o grande personagem é arquétipo. Ele é construído com todos os aspectos, com todos os sexos, com todos os corpos.

Muita gente coloca um divisor entre escrita feminina e escrita masculina. Como você vê a questão da literatura feita por mulheres?

Nélida: Ah, o preconceito. 'Não existe escrita masculina'. Aliás, ninguém menciona escrita masculina, repara só. Só existe escrita feminina. Como se o homem estivesse acima de qualquer gênero, tivesse a polifonia dos gêneros, capaz de abraçar todos os gêneros, um ser sagrado! E as mulheres, coitadinhas, continuam dentro do gueto. (...) Eu não aceito em hipótese alguma essa divisória. Eu estou usando uma língua diferente? O que quer dizer escrita feminina? Eu não sou tão inteligente quanto você? Eu acho que o grande escri-



Nélida Piñon

tor é aquele ser proteico que consegue ter todas as formas. Ele tem que entrar no corpo do homem, no corpo da mulher, na pedra, no vegetal. Ele tem que ser capaz de abarcar todas as instâncias. Claro que ele vai ter uma afinidade especialíssima, como é o caso da mulher. (...)

Nélida Piñon por Nélida Piñon.

Nélida: Vamos ver: eu tentei, ao longo da minha vida, me aprimorar, melhorar meus valores, tive grandes paixões, arrufos. Sempre tive grande paixão pela minha família, pelo meu pai, pela minha mãe. E também, como sou uma grande aventureira, mas é meu estilo, hoje com mais cuidado, logicamente, eu tento, como pessoa, ser alguém significativa para mim, e acho que sou alguém que demonstrou e vem demonstrando uma intensa liberdade de criar, não me afastar dela. Eu acho que na minha história não há nada que desmereça a escritora que eu quero ser. 🍷

- Ouça a orquestra! Caetana comprimiu o peito com receio de que fugissem os acordes soando em sua memória.

- É a Traviata, não é? Querendo tirar proveito da emoção quase desgovernada da atriz. Polidoro aspirou seu perfume com expressão intumescida.

- Está feliz Caetana?

Montada nos coturnos, a atriz dirigiu-se à boca de cena, esquecida de Polidoro.

- Chegou minha hora! Caetana disse, enternecida, olhando o homem.

(Trecho de A doce canção de Caetana, 1997)

Por Maria Inês Marreco
Doutoranda em Lit. de Língua Portuguesa
pela PUC-MG e Lit.Bras. pela UFMG

Relações luso-brasileiras



Vânia Pinheiro Chaves

As relações entre Portugal e Brasil são muito mais intrincadas do que se supõe quando olhamos para a terra de Camões e Pessoa com os pés sobre solo verde-amarelo. Estar em Portugal faz-nos mudar completamente de opinião.

Visitar a Torre de Belém, de onde, com o Tejo por testemunha, partiram os navegadores portugueses rumo à descoberta de novos territórios, o brasileiro, inclusive, não é um passeio do qual saímos incólumes. As águas desse rio, esplendoroso e onipresente, contam muito da nossa própria história, e vislumbrá-lo é mesmo como navegar rumo ao encontro profundo com as nossas raízes. As incontestáveis alianças luso-brasileiras são visíveis não apenas nos aspectos linguísticos, mas também na música, na dança, na gastronomia e, é claro, na literatura.

É frequente a presença de artistas brasileiros das mais diversas áreas nos palcos portugueses, bem como a de nossos escritores; assim, compreende-se que a Literatura Brasileira tenha, nas universidades locais, um lugar importante. Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por exemplo, destaca-se a professora doutora Vânia Pinheiro Chaves, que há trinta e seis anos leciona Literatu-

ra e Cultura Brasileira e dirige o Instituto de Cultura Brasileira.

Carioca, licenciada em Português-Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1969, Vânia lecionou Teoria da Literatura, Literatura Portuguesa e Literatura Hispano-Americana naquela Universidade e na PUC-RJ. Passou, em seguida, pela UnB e, em 1973, veio para Lisboa preparar uma tese de doutoramento sobre o Neo-Realismo Português.

A Ditadura Militar brasileira, o 25 de Abril e o casamento levaram-na a permanecer em Portugal, tendo entrado em 1974 para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde, desde logo, vinculou-se à área de Estudos Brasileiros, da qual é coordenadora. Em Portugal, fez o Mestrado e o Doutorado, ambos centrados na obra poética de José Basílio da Gama. Esses trabalhos foram publicados no Brasil pela editora da UNICAMP, com os seguintes títulos: *O Uruguai e a Fundação da Literatura Brasileira* (1997) e *O Despertar do Gênio Brasileiro* (2000).

Segundo a professora, a incumbência de ministrar um vasto leque de disciplinas sobre variados temas da Literatura Brasileira não lhe permitiu fixar-se num autor ou num período em particular, o que se percebe por suas publicações e comunicações, que versam sobre diferentes assuntos, embora os arcades mineiros, o Romantismo e a narrativa contemporânea acabem por ocupar lugar de destaque em seus textos.

Atual Diretora do Instituto de Cultura Brasileira da FLUL, a professora está iniciando, junto com professores de algumas Universidades brasileiras e com o grupo Mulheres em Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, um projeto de investigação sobre relações literárias luso-brasileiras no século XIX, ao abrigo de um protocolo estabelecido pela CAPES e pelo GRICES. Como se vê, Brasil e Portugal, ainda que não sejam uma só nação, caminham juntos.

Assim é que é... assim há de ser.

*Por Cláudia Gomes Dias Costa Pereira
Pós-doutoranda em Estudos Literários pelo CLEPUL
(Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das
Universidades de Lisboa), da Universidade de Lisboa*



A pena e o espartilho **Cecilia Prada. Unisinos-R\$30,00**

Este livro reúne treze artigos da jornalista e tradutora Cecília Prada em que ela aborda o preconceito sofrido por mulheres brasileiras que atuaram no campo das letras e das artes. O leitor encontrará nestas páginas, entre outras, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Pagu, Gilka Machado. Os artigos estão fundamentados em pesquisas sérias e numa linguagem acessível e agradável. Assim, são um estímulo à reflexão e uma pequena contribuição para todos os que se proponham a compreender os caminhos da cultura brasileira e a incursão feminina pelo campo das letras.

Um olhar sobre a constituição do universo ficcional em *As parceiras*, de Lya Luft. Iara Barroca. Annablume-R\$24,00

Neste livro, Iara Barroca expõe uma análise da escrita e da constituição do romance *As parceiras*, de Lya Luft, e para isso desenvolve seus estudos a partir de reflexões sobre o conceito de escrita feminina.

De modo competente e com sensibilidade, a autora revela os conflitos existenciais e a escrita poética e ao mesmo tempo reflexiva do universo luftiano, no entrelaçamento do feminino com o mito, a memória, a ficção enfim. O livro originou-se da dissertação defendida publicamente no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Leituras de Resistência: corpo, violência e poder. Carmen Susana Tornquist; Clair Castilhos Coelho; Mara Coelho de Souza Lago; Teresa Kleba Lisboa. Vol. I e II, 528 p. cada. Florianópolis, 2009-R\$ 45,00, cada exemplar.

Os artigos que compõem estes livros foram apresentados como conferências e palestras durante a oitava edição do Seminário Internacional Fazendo Gênero (UFSC, Florianópolis, 2008), cuja temática foi Corpo, Violência e Poder. Os textos foram organizados a partir dos seguintes subtítulos: *as Conferências: "Corpos, sofrimentos, violências"; "Desigualdades superpostas: classe, raça/etnia"; "Direito à maternidade voluntária" (Vol. I). "Memórias do feminismo"; "Violências silentes, corpos, subjetividades"; "Violências, trabalho, exclusões"; "A lei no enfrentamento da violência doméstica" (Vol. II). A retomada destas questões, segundo as organizadoras, deveu-se ao especial momento político que vivemos, e que as tornaram pertinentes. Para adquiri-los, basta acessar o site: www.editoramulheres.com.br*

APOIO:



União Produtora Ltda
Fazenda Engenho, s/n
Caixa Postal: 27 - Zona Rural
CNPJ: 08.175.256/0001-41
Inscrição Estadual:
001019597.00-39
CEI: 32.940.01594/78



Educação,
pesquisa e
consultoria

